

RELATÓRIO FINAL

PROJETO CONEXÃO LOCAL

Complementação de Renda na Floresta – Poloprobio e Políticas Públicas

Estudantes: João Jens Reye Sabino

Paulo da Rocha Zani

Supervisor: Fernando Burgos

Localidade: Acre

Agradecimentos

Ao Fernando Burgos pelo apoio durante a visita, pelas prolíficas discussões, e pela orientação para a produção deste relatório.

Ao Ricardo Bresler pelas participações ilustres, e por promover olhar diferente sobre a realidade

Ao GV Pesquisa pela oportunidade de termos vivenciando uma experiência tão enriquecedora

Ao Francisco Samonek, Uender de Souza, Zélia Machado e Régis do Poloprobio por disponibilizar seu tempo e conhecimento.

Aos Apurinãs da Tribo Camicuã de Boca do Acre pelo acolhimento e reflexão

Ao Ademir Batista e Marcos Goes do SEAPROF que nos ajudaram a conhecer mais o Acre.

A todos da comunidade do Cazumbá e do Instituto Chico Mendes.

E principalmente, a todos aqueles que ao longo da nossa estada no Acre contribuíram para fazer desta experiência acadêmica uma experiência de vida.

1. Introdução

O projeto original desta pesquisa previa o estudo da tecnologia social dos Encauchados de Vegetais da Amazônia, projeto premiado pela Fundação Banco do Brasil, pelo Finep e pelo PNUD, desenvolvido eminentemente pelo Poloprobio, e que tem como objetivos centrais melhorar a qualidade de vida das populações locais e preservar a floresta por meio da complementação de renda de índios e seringueiros da região amazônica a partir da produção de produtos artesanais acabados feitos com o látex extraído das seringueiras.

Durante a realização da pesquisa de campo, no entanto, percebeu-se que existiam políticas públicas intensas no estado do Acre que também tinham como foco a melhoria da qualidade de vida a partir da extração do látex, o que nos motivou a expandir o objeto de estudo inicial para o tema da complementação de renda na floresta a partir da borracha.

Este tema engloba tanto o projeto dos Encauchados de vegetais quanto aos projetos governamentais do Acre, e procura estudar seus impactos efetivos na melhoria da qualidade de vida das comunidades observadas durante a pesquisa de campo. Sendo assim, a pesquisa se deu em sua maioria no estado do Acre, onde foram visitadas duas comunidades envolvidas com o projeto do Poloprobio: a comunidade da Reserva Extrativista do Cazumbá-Iracema, no município de Sena Madureira, e a comunidade da Santa Quitéria, localizada no município de Assis Brasil. Já no estado do Amazonas, visitou-se a aldeia indígena Camicuã, dos índios Apurinã, que está localizada no município de Boca do Acre. No que diz respeito às políticas públicas, foram visitadas duas regiões Xapuri e Assis Brasil. Os locais visitados estão assinalados em vermelho no mapa abaixo.



Cabe ainda, salientar as limitações naturais de uma pesquisa com restrições de tempo e espaço, pois apesar do tema ambicioso, a visita de campo foi realizada em apenas 21 dias, o que dificulta uma análise mais aprofunda sobre o tema. Priorizou-se, portanto, a descrição da realidade pesquisada e breves reflexões sobre os efeitos do projeto e das políticas públicas não como um todo, mas nos locais visitados pelos pesquisadores.

Os projetos analisados nestas regiões serão apresentados individualmente, no entanto, para fins didáticos, construiu-se a Tabela 1, elencando os projetos observados, as comunidades em que se encontram e seus principais produtos. As observações realizadas em cada uma destas experiências serão descritas ao longo deste trabalho, neste momento vale salientar apenas algumas características comuns relacionadas ao modo de vida encontradas nas regiões visitadas.

O tempo de pesquisa em cada uma das experiências foi diferente, o que justifica certa heterogeneidade no detalhamento dos programas. Em todas as comunidades, inclusive na aldeia indígena, existem pequenos cultivos agrícolas voltados em sua maioria para o consumo familiar, em geral comercializa-se a farinha de macaxeira, prática comum entre os plantadores da região, e em alguns casos itens cuja colheita foi maior que as necessidades de consumo. Além dos cultivos agrícolas, era comum encontrar criações de galinhas, e em casos mais raros, de bois, novamente, a maior parte da produção era voltada para o próprio consumo, havendo

comercialização apenas quando há necessidade emergencial de dinheiro. A pesca é outra fonte de alimentos bastante comum na região. A partir desta estrutura foi possível perceber que as condições naturais da Amazônia contribuem de forma significativa na vida dos seus habitantes, pois lhes garante acesso aos alimentos de forma relativamente mais fácil que em outras regiões do país, como, por exemplo, no semiárido nordestino.

Tabela 1: Experiências Visitadas

Experiências visitadas						
Projeto	Poloprobio - Encauchados de Vegetais			Políticas Governamentais		
Locais Visitados	Aldeia Camicuã - Boca do Acre	Resex Cazumbá - Sena Madureira	Santa Quitéria - Assis Brasil	-	Fábrica Natex - Xapuri	Resex Assis Brasil
Principais Produtos	Artesanato	Artesanato	Artesanato	CVP - Prancha de Borracha	Preservativos	FDL e Artesanato

Assim, quaisquer atividades produtivas executadas nesta região serão realizadas concomitantemente com as atividades agrícolas familiares, logo, se observou que tanto as políticas produtivas da borracha, sejam elas do Poloprobio ou as políticas públicas governamentais, eram atividades adicionais que gravavam renda adicional aos seus produtores.

As principais fontes de renda destas regiões concentram-se, então, em vendas esparsas de produtos agrícolas, e especialmente nos benefícios sociais concedidos pelo governo, destaque para as aposentadorias, e benefícios do Programa Bolsa Família.

O presente trabalho tem a seguinte estrutura, a seguir serão apresentadas as experiências visitadas, primeiro são abordadas as atividades do Poloprobio, posteriormente as políticas governamentais, após apresentar as experiências abordaremos seus impactos na geração de renda na floresta, e por último, serão apresentadas as considerações finais.

2. Poloprobio

O Poloprobio (Pólo de Proteção da Biodiversidade e Uso Sustentável dos Recursos Naturais) é uma organização criada em maio de 1998 e que antes recebera o nome de Instituto de Pesquisa, Extensão Ambiental e Agrônômica do Estado do Acre (IPEAGRO) e desde 2001 atua com a atribuição de Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP). Tem por propósito dedicar-se à questão socioambiental nos lugares onde atua de forma a dar apoio às populações tradicionais locais, indígenas e seringueiros, ensinando e incentivando atividades de fabricação e venda de artesanato, que proporcionam um complemento da renda para essas pessoas de modo sustentável e sem que tal prática agrida a natureza e o meio ambiente onde vivem.

Seus gestores e idealizadores são Maria Zélia Machado Damasceno, como presidente e Francisco Samonek, como diretor financeiro. Atualmente, o casal são as únicas pessoas envolvidas na parte administrativa da pequena organização que se localiza em um espaço concedido pela Universidade Federal do Acre (UFAC) dentro da própria universidade.

O Poloprobio é responsável pela elaboração e implementação de um projeto chamado Encauchados de Vegetais da Amazônia, uma Tecnologia Social (TS) certificada e premiada pela Fundação Banco do Brasil em 2007, sendo publicada em seu Banco de Tecnologias Sociais (BTS) e encontra-se disponibilizada pela Rede de Tecnologias Sociais (RTS) desde 2005. A TS constitui-se de um processo produtivo feito pelos povos da floresta usando o látex nativo e fibras vegetais junto com conhecimento científico, resultado de intensas pesquisas de Samonek, que gera artesanatos feitos de um material biodegradável e que não agride a floresta ou o meio-ambiente em que tais povos estão inseridos. Estes povos vendem o artesanato principalmente em feiras de exposição, o que gera para eles um complemento da renda, por vezes melhor que a venda do látex bruto. Mais recentemente, conquistou os seguintes prêmios: prêmio Equatorial do PNUD e FINEP de Inovação – Categoria Tecnologia Social na Região Norte (2008); e Objetivos de Desenvolvimento do Milênio – ODM Brasil (2009) cedido pela ONU, além de ser recomendado como uma das Boas Práticas Territoriais pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário – MDA.

Vemos, então, que diante da realidade observada no Acre, de que muitas pessoas ainda estão fortemente enraizadas nas florestas e não tem outra fonte de renda senão a venda de matéria prima e excedentes das suas pequenas plantações, o Poloprobio encontrou uma maneira de melhorar a situação financeira delas pela venda de produtos finalizados e prontos para o mercado com maior valor agregado e apelo socioambiental a partir do látex extraído das seringueiras. Esses produtos são os chamados Encauchados.

Samonek, que sempre esteve muito ligado ao látex e aos seringueiros do Acre, tanto por meio das cooperativas de seringueiros como pelo desenvolvimento da técnica de um tecido emborrachado, desenvolveu um líquido que é adicionado e fervido com o látex cru e atua nas propriedades do leite da seringueira deixando-o mais resistente e aumentando seu tempo de vida útil ainda em forma líquida, permitindo que o leite possa ser estocado por meses antes de ser usado na confecção dos produtos. Como nos foi dito, antes da intervenção do Poloprobio com esse líquido, o leite da seringueira estragava facilmente em poucos dias tornando-se inutilizável, o que pode ser visto claramente como custo e tempo desperdiçados. Esse líquido é o diferencial do Poloprobio. Como é distribuído às comunidades em garrafas plásticas sem rótulos ou outro design característico, as próprias pessoas do Polo o chamam de “garrafinhas”. A fórmula do líquido dentro das garrafinhas é, então, um dos maiores segredos da OSCIP.

O próprio diretor financeiro foi quem desenvolveu essa fórmula da TS sendo este o seu objeto de pesquisa na dissertação de mestrado no curso de Ecologia e Manejo de Recursos Naturais da Universidade Federal do Acre com recursos financiados pelo PPTAL conseguidos através de um Edital 26/2005 de Apoio a Projetos de Tecnologias Sociais para Comunidades Tradicionais e Povos Indígenas. Essa fórmula é uma alternativa à vulcanização da borracha, que geralmente é feita com produtos químicos danosos à saúde, como a amônia, que quando usada sem a devida precaução traz riscos enormes a toda a população local. Assim, o desafio de Samonek foi criar um produto que teria o mesmo objetivo de vulcanização do Látex, porém que não apresentasse os problemas que a amônia tem. Após muitas pesquisas e testes, este produto estava finalizado em 2006. Neste mesmo ano Samonek recebeu o prêmio Prêmio Prof. Samuel Benchimol, e no ano seguinte, o já citado Prêmio de Tecnologia Social 2007 da Fundação Banco do Brasil e o Prêmio FINEP 2007 de Inovação Tecnológica na categoria Inovação Social na região Norte com menção honrosa na etapa Nacional.

2.1 Histórico

A primeira capacitação dos seringueiros foi feita em 2000, quando Samonek, com a ajuda de Zélia, sua esposa, fez a primeira capacitação do maior número possível de seringueiros que conseguiu agrupar, para ensiná-los o manuseio do material e a produção dos materiais e tecidos emborrachados. Em 2001, um empreendimento do projeto buscando melhorar a qualidade do produto final levou à elaboração de uma técnica que juntasse o caucho adicionado ao líquido das garrafinhas com pó de serra (fibra vegetal), o que gera um produto final ainda mais resistente. Enquanto a técnica ia se maturando com os seringueiros, pelo contato constante dos participantes com a floresta e os povos que nela habitam, foi descoberto que algumas tribos indígenas já usavam a borracha (também chamada de caucho) para produzir artesanato próprio. Assim sendo, surgiu um novo grupo a ser considerado para usarem a borracha, os índios poderiam também fabricar.

Foi então em 2005 que o Poloprobio pensou em uma capacitação nos mesmos modos daquelas feitas com os seringueiros para os indígenas. Entretanto, houve uma particularidade importante, pois uma vez que se está lidando com essas tribos e etnias diferentes, é preciso tomar o maior dos cuidados para que eles não

entendam a sua proposta de ajuda como algo contrário, em qualquer aspecto, às suas crenças e costumes centenários. Sabendo disso, o método elaborado para a disseminação da nova tecnologia social entre as tribos seria uma grande reunião de diversas etnias diferentes em que Zélia novamente apresentaria passo a passo a proposta do projeto, os materiais utilizados por eles, o processo de produção e as vantagens de se fazer o que estava sendo apresentado. Nessa fase, tiveram apoio da FUNAI que pode oferecer uma boa ajuda dando apoio com a credibilidade da instituição e contratando os capacitadores como consultores que estariam prestando um serviço.

O intuito, assim como foi feito com os seringueiros, era ver quais tribos e pessoas estavam dispostas a ter uma unidade de produção do Poloprobio em sua área. Foi feita, então, uma grande reunião juntando diversos representantes das tribos em um só local para que todos pudessem conhecer os processos da fabricação do encauchado, os benefícios que poderiam ter com a adoção da atividade em sua tribo e decidir voluntariamente se desejariam que o Poloprobio instalasse em sua aldeia uma unidade de produção. Nem todos gostaram, seja porque não viam grandes ganhos no que seria feito ou porque simplesmente já estavam satisfeitos com o que tinham. Assim, o Polo começou a agir juntamente com aquelas tribos que aceitaram para a construção das unidades produtivas e o início dos projetos com esses novos produtores.

2.2 Implementação do projeto

Para ser posto em prática, o projeto precisa de três fatores: 1) uma unidade produtiva em uma comunidade que aceite fazer parte do projeto, sendo que esta deve se encontrar próxima a um local de extração de seringa com facilidade de transporte da matéria prima para abastecer a produção sempre que preciso; 2) o material específico utilizado na confecção do produto encauchado, bem como a sua reposição e renovação; 3) e as garrafinhas contendo o líquido especial oferecidas pelo Polo.

A unidade produtiva é como um quiosque de madeira coberto por um teto circular que pode ser de palha ou outro material, onde são feitos os produtos e estocados os materiais. Todas elas contam com, no mínimo, um tambor, uma mesa e uma chapa de metal galvanizado para a produção; torneira com água corrente ou caixa d'água para a limpeza dos produtos; um pequeno depósito que serve como armazém dos produtos, baldes para o látex e outros materiais; e uma espécie de mesa comprida localizada fora da unidade onde os produtos ficarão expostos ao sol para secarem. Caso a comunidade tenha interesse em ampliar estas instalações básicas da unidade produtiva ela pode o fazer livremente.

Os materiais específicos são utensílios e vasilhames que são usados desde a preparação da massa, que é o encauchado em si, até os moldes, acabamentos finais e mesmo etiquetas dos produtos a serem produzidos. Eles também incluem baldes, bacias, peneiras, panelas, jarras, pincéis, medidores, barbantes, tesouras, corantes, entre muitos outros. Assim, vemos que no início, o Polo, por meio de recursos provenientes de editais vencidos pela organização, editais elaborados por instituições de incentivo à tecnologia social ou à geração de renda, destaque para a Petrobrás, fornece todo o material inicial evitando dar que aqueles que estão acolhendo a unidade produtiva em suas aldeias e se voluntariando para fazer parte da produção tenham de investir recursos próprios na produção.

Quanto às garrafinhas do agente vulcanizante, já foi dito que elas são parte fundamental e se apresentam como o que difere essa técnica da Poloprobio de qualquer outra. De qualquer forma estes são os insumos oferecidos gratuitamente na fase inicial de implementação. A proposta é de que eles aprendam a fazer todo o processo até a venda para que, posteriormente, possam fazê-lo sozinho. Para tornar viável essa prática de doar tantos subsídios visando à fixação do projeto em uma determinada localidade, o Poloprobio conta hoje com o apoio financeiro do CNPq (Edital nº36/2007 - Seleção Pública de Propostas para Apoio a Projetos de Extensão Tecnológica Inovadora para Agricultura Familiar) e da Petrobrás, sendo esta a principal patrocinadora das atividades da organização neste momento.

Após a capacitação e tendo material o necessário em mãos, a comunidade produtora, seja de seringueiros ou de indígenas está suficientemente preparada para a confecção. Os produtos encauchados são feitos da seguinte forma: quando o seringueiro traz a matéria prima recém extraída (que já inclui a “água de cinza”, produto adicionado à seringa para que ela não coagule), é preciso adicionar o líquido das garrafinhas para que ele possa ser conservado. Então, o látex, com a adição do líquido, é despejado em uma grande panela de alumínio com capacidade para 40 litros. A mistura é, então, levada ao fogo e fervida em uma pequena fogueira

comum devendo ser mexida constantemente para que o látex não se aglutine. Quando a mistura atinge uma temperatura alta o suficiente para que possamos ver o vapor saindo, aproximadamente 20 minutos, é hora de tirar a panela do fogo e deixar que ela esfrie naturalmente. Passado o tempo necessário para isso, a mistura é colocada em um grande balde de 30 litros com torneira. Depois, o líquido é colocado em pequenas bacias de plástico onde é adicionado e misturado o pó de serra bem fino (que pode ser doado ou comprado pelo Polo) até que o leite fique com uma consistência de massa. Essa massa poderá então tomar qualquer forma após ser passada sobre uma superfície qualquer (molde), este é levado ao sol para que a primeira mão seque. Passando-se sucessivamente camadas dessa massa uma por cima da outra, depois de secar ao sol, o produto vai tomando o formato da superfície do material. Quanto mais espessas forem, mais duros são os produtos. Para produtos mais maleáveis e planos, são utilizadas menos camadas.

Assim, é possível fazer produtos o bastante para que a criatividade seja o limite. São oferecidos pelo Polo moldes que podem gerar porta-lápis, embalagens para presentes ou pequenas bolsas. Além disso, na chapa galvanizada são feitas mantas que podem servir como toalha de mesa ou mesmo decoração; já os tambores, que são chapas galvanizadas em forma cilíndrica, servem para que sejam feitos os tecidos emborrachados, que são tecidos normais a que são adicionadas camadas da massa preparada para que ele ganhe resistência e impermeabilidade. Todavia, o próprio Polobrobio incentiva as comunidades a criarem mais materiais e dar as mais diversas formas para os produtos podendo, assim, diferenciar-se dos outros produtos artesanais do mercado ou mesmo de outros produtores de encauchados pela obtenção de peças com formatos exclusivos.

Disso surgiram idéias diferentes que já se concretizaram como: pequenas bacias decorativas, jogos americanos, enfeites de parede, descanso de panelas, porta garrafas, entre muitos outros. A qualidade, durabilidade e resistência dos produtos também são impressionantes: a borracha não possui o cheiro forte e característico da seringa; é maleável, mas não quebra ou rasga, mesmo depois de muito tempo; ela pode ser lavada sem que isso estrague suas propriedades e pode suportar calor intenso, até mesmo de panelas quentes recém saídas do fogão.

As inovações e empreendimentos, nessa fase inicial, estão sendo exponenciais. Logo nas primeiras visitas, ao ensinar essa técnica para os índios, vendo o produto acabado, estes tiveram a vontade e iniciativa de decorá-los com as tintas que sempre extraíram da floresta. A partir de então outros indígenas passaram a se interessar na confecção dos produtos, não no processo de produção, mas sim no momento de decorar com suas pinturas. Vendo que isso abria espaço e interesse para o seu produto nas comunidades, mais pesquisas foram realizadas pelo Polobrobio visando à obtenção de uma tintura mais compatível como produto e logo foram adicionados aos materiais doados as tintas que se fixavam melhor ao material. O produto final, agora, contava com a arte da pintura indígena que é muito apreciada pelo mercado consumidor haja vista sua peculiaridade e identidade histórica intrínsecas a cada tribo.

Dessa forma, o projeto do Polo estava indiretamente promovendo uma ação cultural, pois as aldeias indígenas começaram a fazer um resgate da sua cultura, por meio da arte decorativa dos produtos, normalmente suas pinturas de guerra ou de festa. O interesse pelos seus antepassados se via crescer claramente à medida que os indígenas de diferentes etnias iam buscar o conhecimento dos mais velhos quanto à pintura e costumes antigos. Assim, a arte das tribos ajudou no desenvolvimento do produto acabado graças a sua “cara própria”. Não só isso era bom como resgate da cultura, mas esses produtos eram também os mais apreciados pelos compradores. Inevitavelmente, cada peça era única e contava com um apelo ainda maior, o que as valoriza também em preços.

Não podemos deixar de lembrar que este projeto inclui seringueiros, portanto, inovações que valorizassem o produto final foram igualmente buscadas para estes. Na unidade produtora do Cazumbá, no estado do Acre, a comunidade, com auxílio de outras pessoas que faziam estudo nessa área, teve uma idéia de como diferenciar seu produto e começou a buscar folhas das árvores nativas da selva para que pudessem tirar o molde delas e, a partir desse molde, fazer descanso de panelas com o material encauchado que teriam a mesma forma das folhas. A idéia foi-se maturando e após alguns testes com diversos materiais que serviriam como molde, descobriram que uma das melhores técnicas seria a utilização de placas de alumínio. Assim, depois de encontrada uma boa folha como matriz, tira-se seu molde em gesso e então usa-se o alumínio em forma líquida para que se tenha uma placa de alumínio com o formato da folha. Não apenas eles utilizam as diferentes folhas de árvores encontradas da floresta, mas também fazem arranjos com elas, o que dá ao produto final um aspecto

muito bonito e apreciado pelo comprador, haja vista suas qualidade de durabilidade, beleza e utilidade. Com essa nova maneira de lidar com o produto estabelecida, o Polo tem agora duas unidades produtoras dessas folhas de encauchados, uma no próprio Cazumbá e outra em Santa Quitéria. Ambas receberam o apoio técnico e instrutivo de como fazer as formas de alumínio do Polo, bem como os materiais necessários para sua confecção, destaque para o Sebrae como um importante parceiro ao longo deste processo de inovação técnica.

Os artesanatos são usados inclusive no dia-a-dia das comunidades, no Cazumbá, reserva extrativista de seringueiros, é comum ver mantas de encauchados cobrindo as mesas de almoço, junto com os descansos de painéis elaborados por eles mesmos. Já nas tribos indígenas, as inovações são mais frequentes, pudemos acompanhar um dos artesãos, Pedro, que estava elaborando uma capa para celular com a típica pintura Apurinã que imita a pele de uma cobra Sucuri, bem como a criação de uma porta-garrafas criado por Uender de Souza Taveira, um dos técnicos que trabalham para o Poloprobio.

A produção dos encauchados em quaisquer comunidades se dá de forma conjunta com outras atividades do dia-a-dia. Como muito do tempo de produção é tomado pela espera que se tem até que uma camada seque para depois passar outra, esse intervalo é usado para fazer tarefas corriqueiras do cotidiano, conversar entre eles ou mesmo outras atividades mais fáceis, inclusive, mas não predominantemente, o preparo de mais produtos para a secagem. Aqueles que não fazem parte da produção dos encauchados continuam com essas tarefas do dia a dia, preparando as refeições, cuidando da família, lavando roupas, fazendo outras atividades, trabalhando nos arados, colhendo, consertando ou construindo o que for preciso, descansando, indo buscar mercadorias quando possível, enfim, seguem sua vida normalmente.

Vê-se que claramente após essas observações que o Encauchados de Vegetais da Amazônia é um projeto dinâmico, que ainda está em construção, se desenvolvendo e inovando a todo o momento. Isso se deve muito à preocupação que os gestores têm em fazer com que o projeto não seja algo passageiro nas tribos, mas sim algo que se integre às práticas do dia-a-dia atingindo seus objetivos principais.

Outra evidência disso é que a OSCIP oferece uma capacitação em parceria com o SEBRAE para que, além de ensinar os povos da floresta uma maneira nova de gerar renda, eles consigam ter noções básicas de comercialização, preços de vendas, custos e outras práticas administrativas que os ajudam na hora de vender. Essa capacitação dá-se após a aprendizagem do processo produtivo dos encauchados e costuma durar um final de semana. Assim, a venda dos produtos pode se realizar por iniciativa e prospecção das próprias comunidades buscando clientes; ou ser intermediada pelo Poloprobio, quando estes recebem pedidos de compras e repassam para as comunidades produtivas. Como nos foi dito, se isso acontece, o Polo ajuda em alguns aspectos logísticos e contratuais, mas o valor da venda fica em sua maior parte nas mãos dos produtores do encauchado dentro das comunidades.

2.3 A atuação dos técnicos

Para que todas essas ações de produção consigam ser feitas de melhor maneira possível, o Poloprobio conta também com a participação de técnicos que visitam constantemente as diferentes comunidades produtivas. Para tanto, eles são remunerados por uma bolsa prevista no edital da Petrobras que paga uma quantia fixa de aproximadamente R\$ 50,00 por visita, como o recebimento depende do número de dias prestando serviço para o projeto, eles chamam esse valor de diária. Esses técnicos são previamente treinados para saberem lidar com a diversidade dos locais em que irão trabalhar, conhecerem bem o projeto do Encauchados de Vegetais da Amazônia e conseguir ajudar e resolver problemas na produção. Tivemos a oportunidade de estar com um deles, o já citado Uender, que nos deu grande apoio no momento de termos o primeiro contato com a tribo dos Apurinãs do Kamicuã e também nos ensinou bastante sobre os processos de produção e os costumes da tribo, o que aprendeu com o contato contínuo junto aos Apurinãs.

O trabalho dele, como o dos outros técnicos, é de extrema importância para a sobrevivência do Polo, pois são eles que irão visitar de fato as comunidades e estarão em contato direto com elas. Eles costumam passar alguns dias nas comunidades conversando e trabalhando na produção de modo a estabelecer um vínculo amistoso com a população local. Com isso, conseguem a confiança necessária para que seu trabalho de “monitorador” seja bem feito. Em conversas informais que acontecem naturalmente enquanto os técnicos trabalham junto com as pessoas na confecção dos produtos, eles conseguem se interar de como anda a vida na

comunidade, quais os problemas, as necessidades, os rumos, seus desejos, e outros aspectos que dificilmente algum pesquisador ou agente do governo que não tivesse esse vínculo conseguiria obter de maneira tão fácil.

Esses técnicos são, portanto, essenciais para o projeto. São a conexão mais próxima entre a os idealizadores do Poloprobio e os beneficiados pelas ações podendo ser chamados de agentes diretos. O contato com as populações locais dão a eles grande força mediadora para o programa descobrir onde atuar e a forma que será mais aceita. Ainda mais, são aqueles que se encarregam de fazer a reposição de materiais necessária para cada localidade, bem como aplicar novas capacitações. Apesar de os gestores gostarem e estarem sempre procurando visitar as comunidades *in loco*, inclusive participando da confecção dos produtos, a exemplo de Zélia, os técnicos são peças mais estratégicas e se distribuem facilmente para o monitoramento das atividades ao longo da região norte.

Os técnicos, muitas vezes, são pessoas advindas das próprias comunidades que acabam se destacando pelo espírito de liderança e engajamento com o projeto. Quando o Polo vê essa capacidade em alguns, logo tenta usar dessa característica para melhorar a efetividade do projeto. É perceptível que a pessoa que se destacou se sente melhor e trabalha bem ao passo que as outras pessoas da comunidade se sentem mais à vontade tendo alguém já conhecido ou similar sócio e economicamente como técnico. Alguns se destacam até mesmo como técnicos e são chamados para representar o projeto em feiras e eventos de impacto e visibilidade nacionais como vendedores e expositores participando de eventos como a Expoacre, uma feira agropecuária anual que acontece em Rio Branco. Esse é o caso do indígena Kaxinawa Antonio José de Albuquerque, o “Zé”, a seringueira Leonora Siqueira Maia, a “Nói” e seu marido Raimundo Nonato Soares. Os três têm excelente conhecimento de vários aspectos do projeto e do produto e com isso conseguem ser “garotos propaganda” mostrando-se e afirmando a sua imagem como índio e seringueiros que batalharam para poder estar numa posição importante de um projeto como este.

2.4 Desafios a serem considerados

Em contrapartida de tantos bens gerados pelo projeto, não pudemos deixar de encontrar certos empecilhos e desafios no andamento e continuidade dele. Quase todos se dão por motivos de localidade.

Na parte da produção, vimos que após alguns meses que o programa foi implantado os materiais fornecidos pelo Polo vão se depreciando ou desgastando e precisam ser repostos. Assim sendo, como a comunidade depende da reposição destes, que é feita principalmente quando os técnicos voltam a visitá-las, fica sujeita à falta de produção, que poderia estar acontecendo, por não ter os materiais necessários.

Existem ainda problemas com a matéria prima. Pode acontecer de a seringa vendida para as comunidades ser de baixa porcentagem de látex e maior porcentagem de água, conter impurezas (o que pode também ocorrer com o pó de serra) ou “coalhar” rápido, ou seja, o leite da seringueira ficar impróprio para uso por motivos naturais, caso que presenciamos na tribo dos Apurinãs. Quando isso acontece, o que é um risco que os produtores sabem que pode ocorrer, os membros da comunidade têm que arcar com os gastos ou renegociar com os fornecedores da seringa. Estes fornecedores podem ser membros da comunidade, normalmente os homens cujas mulheres trabalham na produção, ou então seringueiros de outra comunidade que vendem o látex. Um último fator que pudemos observar foi à dependência que a produção tem do sol. Em épocas de chuvas ou mesmo em dias nublados não é possível produzir, pois as camadas da massa não irão secar correndo risco de criar bolores ou fungos estragando o produto.

Entretanto, a maior dificuldade observada no projeto está relacionada à dificuldade para a comercialização do material produzido, primeiramente devemos lembrar que as vendas são esporádicas. A maior parte dos produtos é vendida quando a comunidade tem seus materiais expostos em feiras de artesanato ou de produtos inovadores. Dessa maneira, é normal que a produção se intensifique apenas em épocas próximas de tais eventos. Decorrência disso é que a produção não se torna uma das tarefas do dia a dia, a casualidade faz com que algumas pessoas deixem de ver a produção dos encauchados como algo que pode ajudar, é o que se observou, por exemplo, na aldeia indígena Camicuã.

Por outro lado, na Resex do Cazumbá, a produção é constante, ainda que as vendas também sejam irregulares, a demanda dos moradores pela atividade é alta, o que fez com que fosse implantado um rodízio para utilização da unidade produtiva, são doze mulheres que se dividiram em seis duplas – uma por dia – para a

utilização do espaço, a produção é marcada e a remuneração se dá separadamente, de acordo com as vendas dos produtos de cada dupla. Durante a visita ouvimos relatos de Marina, esposa de um seringueiro, que por meio da produção com o encaucho pôde comprar novos móveis e utensílios domésticos para sua casa. Vale destacar que as compras foram feitas a prazo, mas sem que fosse concedido um crédito formal, e sim através de um acordo entre Marina e o comerciante, sendo que ela solicitou que não fosse determinado um dia fixo para pagamento, mas sim um período, que se estendia entre os dias 10 e 30 de cada mês.

Ainda no Cazumbá, destaca-se a articulação entre as famílias, pois os seringueiros têm parentesco direto com as mulheres que produzem, são seus tios, irmãos e maridos que extraem o látex, e só recebem depois que as mercadorias produzidas são vendidas, o que pode demorar meses.

A grande maioria dos pólos produtores está localizada longe dos compradores (feiras) e muitos destes estão dentro de florestas com diversos fatores que dificultam o acesso, isso faz com que os custos de escoamento, bem como seus meios, sejam um elemento de peso na venda. Como exemplo, em certas épocas do ano o governo deve abrir ramais (caminhos abertos para a movimentação de veículos pela floresta), enquanto ele não o faz, não há comunicação entre as áreas urbana e as comunidades da floresta. O problema do escoamento, que traz junto altos custos, é também observado em outros projetos de apoio a essas comunidades como veremos adiante. Há ainda a falta de um mercado fixo. Uma vez que os membros da comunidade não têm certeza de onde e para quem venderão seus produtos, não têm segurança para aumentar a produção e expandir a produção para mais pessoas da comunidade, alcançando melhores resultados na geração de renda.

Todos esses problemas apresentados têm vários impactos, obviamente negativos, na efetividade do projeto como baixa adesão de pessoas a ele (em relação ao número total da comunidade), produção pequena (com grande potencial de crescimento), demora e incerteza no recebimento do dinheiro após a venda. O Poloprobio tenta ajudar a resolvê-los na medida do possível, mas também deixa espaço e incentiva o aprendizado e conhecimento, por parte de cada unidade produtiva, do seu mercado para poder continuar sua produção e comercialização por si mesmas.

Pudemos ver ainda que, seja por causa dos motivos acima citados ou não, nem todos os membros das comunidades em que o projeto está inserido fazem parte dos processos produtivos e são, conseqüentemente, beneficiados por ele. De fato, a menor parte das pessoas se inclui no projeto se ocupando, então, das outras tarefas rotineiras.

3. Programas governamentais - Seaprof

O Governo do Estado do Acre possui papel crucial no desenvolvimento da região, seu projeto é fazer do Acre “o melhor lugar para se viver na Amazônia” a partir do “desenvolvimento local e regional pautado pela valorização do patrimônio sócio-cultural e ambiental e na participação popular”¹, o que se denominou “florestania”.

As bases para atingir este ambicioso objetivo se deram a partir do Programa Estadual do Zoneamento Ecológico Econômico (ZEE) do Acre elaborado em 2006, cujas atribuições eram: “fornecer subsídios para orientar as políticas públicas relacionadas ao planejamento, e uso e ocupação do território, considerando as potencialidades e limitações do meio físico, biótico e sócio-econômico, e seguindo princípios do desenvolvimento sustentável”².

1 O conceito de florestania sintetiza o pensamento de melhoria da qualidade de vida e de valorização dos ativos ambientais das populações que vivem da floresta. Ele é anterior às políticas governamentais abordadas neste relatório. Para mais, ver: ACRE. Governo do Estado do Acre. Programa Estadual de Zoneamento Ecológico-Econômico do Estado do Acre. Zoneamento Ecológico-Econômico do Acre Fase II: documento Síntese.

2 Idem

Os desdobramentos deste programa deram origem a outro documento, o Mapa de Gestão Territorial do Acre, criado em 2007, cujo objetivo é fornecer subsídios para a gestão de políticas públicas a partir da consolidação do uso territorial já estabelecido historicamente, procurando combiná-lo com “novas propostas de uso sustentável da floresta, que envolvem o fortalecimento de uma economia florestal, a geração de empregos e renda com agregação de valor, e a inclusão social com respeito aos conhecimentos tradicionais”.

A política pública voltada para a compra de borracha no Estado do Acre se assemelha àquela utilizada historicamente pelo governo federal, trata-se de um incentivo a produção de borracha por meio de subsídios pagos aos produtores por quilo de borracha produzida. Excetuando os dois ciclos da borracha no Brasil, o primeiro na virada do século XIX, e o segundo, durante a 2ª Guerra Mundial, períodos nos quais o preço do produto estava em alta no mercado internacional e o tratamento dispensado ao produto era diferenciado, o que se observa é um predomínio de políticas pontuais e bastante instáveis destinadas a aumentar o preço pago aos seringueiros pela sua produção.

Hoje no Estado do Acre, porém, a política de subsídio aos seringueiros se insere em um contexto mais amplo, pois não se trata apenas de aumentar a renda do produtor e incentivar a extração do produto, o objetivo central das políticas públicas voltadas para o extrativismo no estado é a promoção do desenvolvimento local a partir da exploração sustentável dos recursos naturais presentes na floresta.

O governo do Acre instituiu, portanto, um subsídio estadual para compra de borracha junto aos produtores, este processo se deu por meio da aprovação da Lei Chico Mendes, aprovada em janeiro de 1999, na qual está previsto o pagamento adicional por kg de borracha extraída pelo produtor. A aprovação do subsídio por meio de legislação foi importante, pois provê maior força à política de subsídios estadual, tornando-a menos vulnerável a possíveis alternâncias de poder político no estado.

No entanto, este subsídio representa apenas um dos programas ligados à política pública de inclusão social e desenvolvimento econômico no estado do Acre. Os projetos e programas que tem a borracha como foco de atuação estão sob a coordenação da Secretaria de Extensão Agroflorestal e Produção Familiar (Seaprof), cujo responsável pela divisão de borracha é Ademir Batista. Os projetos governamentais ligadas à borracha visitados no estado do Acre podem ser divididos em três itens: subsídio para prancha de borracha (CVP), látex, a folha defumada líquida (FDL).

Produto	CVP
Preço de Mercado	R\$ 1,90
Subsídio Federal	R\$ 1,60
Subsídio Estadual	R\$ 0,70
Subsídio Municipal	-
Desconto	(R\$ 0,70)
Valor Recebido	R\$3,50

Fonte: Seaprof

3.1. Prancha de borracha (CVP)

No que diz respeito à compra da prancha de borracha, a política estadual é análoga a federal, pois ambas fornecerem subsídios à borracha. A política estadual e a política federal diferem, no entanto, quanto aos critérios para o pagamento do benefício, pois no estado o benefício é concedido em qualquer situação, não existem condicionantes, enquanto que no modelo federal o pagamento do subsídio só é efetuado quando o preço de mercado por kg de borracha está abaixo de R\$4,20 por kg. Como hoje, o kg da borracha é vendido no mercado por R\$1,90, há subsídio federal, que hoje é de R\$1,60. Na tabela ao lado é possível observar os valores de forma sintética: ao valor de mercado são acrescidos os subsídios estadual e federal e descontada a taxa de administração da cooperativa, o valor recebido pelo produtor é de R\$3,50 por kg.

A produção média de borracha por seringueiro é de aproximadamente 600 kg por ano, entretanto não é possível extrair o látex para a produção da prancha de borracha durante o ano inteiro, pois durante os meses

chuvosos, que se estendem de dezembro a fevereiro, a coleta do látex fica comprometida, uma vez que durante seu processo de extração o látex se mistura com a água da chuva inviabilizando sua utilização para a produção da prancha de borracha, já agosto e setembro são os meses de descanso da árvore. Neste período a principal alternativa do seringueiro consiste na coleta da castanha-do-Brasil, atividade tão tradicional na região quanto o trabalho com a borracha. A complementaridade entre os produtos é tão grande que para o Seaprof, segundo Ademir Batista, seringueiros e castanheiros são para o governo a mesma pessoa.

A renda que seria gerada a partir da extração média de 600 kg de borracha por ano seria de R\$ 2.100,00 por ano (R\$ 175,00 / mês), se considerarmos que esta atividade é executada durante cerca de seis meses a renda mensal seria de R\$ 350,00 por mês de efetivo trabalho. Contudo, ao longo da pesquisa, constatou-se a existência de algumas dificuldades para que o seringueiro efetivamente receba esta quantia integralmente.

No início da política, os subsídios recebidos pelos produtores eram pagos aos compradores de borracha que por sua vez deveriam repassá-los aos seringueiros, este procedimento nem sempre garantia que os subsídios efetivamente chegassem às mãos dos seringueiros. Outro empecilho importante está ligado ao prazo para o pagamento destes subsídios, pois eles não eram feitos à vista, no momento da entrega do produto, o seringueiro recebia apenas o valor de mercado da borracha (hoje R\$1,90), o subsídio estadual demorava 30 dias e o federal 60 dias para serem pagos.

A primeira medida para solucionar estes problemas foi alterar a responsabilidade pelo pagamento dos subsídios, hoje, para receber o benefício é preciso que o seringueiro esteja ligado a uma cooperativa, a qual retém 10% do valor da venda para pagar despesas administrativas, as instituições se tornaram responsáveis pela compra da borracha, bem como pelo pagamento dos subsídios estadual e federal. Entretanto, o papel das cooperativas não se limita às questões administrativas, segundo Ademir Batista, sua importância tem maior valor social que econômico, pois “a vinculação do seringueiro às cooperativas serve também para fortalecê-los”, o que se pretende é que ocorra um controle social das instituições uma vez que os seringueiros devem participar da gestão das cooperativas. Outra medida importante em favor do seringueiro foi a unificação dos pagamentos, por meio de parcerias o governo do Acre conseguiu que a compra da borracha e o repasse dos subsídios fossem feitos no ato da entrega do produto, desde que o montante vendido fosse menor que 1000 kg, o que facilitou a vida do seringueiro.

Na prática, estas ações, apesar de importantes, demonstraram ser, até agora, menos efetivas do que se esperava. O repasse dos subsídios pelas cooperativas aumentou a garantia de que os seringueiros efetivamente receberão os subsídios governamentais, uma vez que o comprador, antigo intermediário, foi eliminado. No que diz respeito ao papel social da cooperativa, identificou-se durante as entrevistas com os seringueiros, que ele é muito menor do que se imagina, pois em geral os seringueiros vivem afastados dos centros urbanos, há casos extremos em que os colonos demoram até quadro dias para chegar à cidade, uma vez que a jornada é realizada a pé, logo sua relação com a cidade é limitada as poucas visitas que fazem para vender seus produtos e comprar itens que não são produzidos por eles em suas colônias, tais como: sal, açúcar, óleo, sabão, calçados foram os principais itens mencionados. Mesmo aqueles que vivem mais próximos das cidades também não têm acesso fácil a ela, em alguns locais visitados não havia linha de transporte freqüente, o grau de instrução destes trabalhadores também se mostrou um obstáculo. Estes fatores levam a questionar a efetiva participação dos seringueiros na gestão das cooperativas.

Os benefícios ligados ao pagamento integral dos subsídios no momento da entrega do produto representaram, por sua vez, um avanço mais importante para os seringueiros, pois o que se percebeu é que justamente pelo distanciamento com a cidade e pelo pouco conhecimento do processo de pagamento, parte dos seringueiros nem sempre resgatava os subsídios aos quais tinha direito nos períodos posteriores. Uma das dificuldades estava ligada ao capital de giro, por viver longe da cidade e realizar poucas viagens por mês, os produtores não vinham à cidade no período de pagamento dos subsídios das vendas anteriores, mas apenas quando tinham mercadoria para vender, uma vez que os custos da viagem, especialmente alimentação e transporte (onde houver), são pagos com a própria receita da borracha vendida Além disso, as exigências administrativas também representavam um empecilho, o produtor deveria comparecer pessoalmente, levando documentação que atestasse o direito a receber o subsídio. Assim, o intervalo de tempo necessário para receber o valor total das vendas das placas de borracha prejudicava as atividades daqueles que se dedicam exclusivamente às atividades extrativas.

Estas mudanças são recentes, e ainda não são vistas como efetivas pelos seringueiros entrevistados, pois muitos deles ainda desconfiam das alterações e da sua continuidade. Em geral, as mudanças nos procedimentos são comunicadas por meio de outros seringueiros, que ao vender seu produto descobrem o novo procedimento e informam os demais colegas. Zé Quaresma, seringueiro da região do Cazumbá, relata que foi informado por um primo, também produtor de borracha, sobre o preço subsidiado de R\$ 3,50 o kg, valor que ele considera bom. Sobre este preço ele ouviu o seguinte comentário de um amigo: “Zé, agora nos vamos enricar”, mas ele não acredita, “já tive uma alegria dessa e durou pouco”. Ele conta que durante os anos 80, foi instituída uma tabela de preços para a compra da borracha, ele imaginou que iria enriquecer com aquele preço, veio à inflação, o valor da tabela não foi reajustado e a alegria se foi.

O seringueiro, no entanto, não perde o ânimo demonstra muito afeto pelo seu trabalho. Conta que de 1989 a 1996 a “borracha faliu”, quase não havia compradores, o preço era muito baixo. Foi então que ele decidiu “sair da mata” e mudar para uma região mais próxima da cidade. Conta da primeira vez que foi trabalhar na roça aberta, fora da mata, “só não chorei na frente da minha família, mas lamentei aquele trabalho embaixo do sol forte”.

Ao longo dos anos, muitos seringueiros deixaram de cortar seringa, o que fez com que parte das estradas fechassem, segundo Zé Quaresma “as colocações estão todas no bruto, sua abertura custa caro e demora três meses”, mas se mantidas as novas regras, acredita que a borracha volte a ser interessante para os produtores.

3.2 Látex

Dentre as políticas públicas extrativistas ligadas a seringueira, a Fábrica de Preservativos Masculinos Natex é a única que utiliza o Latex *in natura*. Fruto de uma parceria entre o Governo Federal e o Governo do Acre, a fábrica tem como missão “viabilizar a economia extrativista do látex nativo, através da produção de preservativos e agregação de valor ao produto dentro do Estado do Acre, elevando a qualidade de vida dos povos da floresta”³.

A fábrica é resultado de um investimento de R\$30 milhões, cuja participação é dividida entre o Ministério da Saúde (55%), a Superintendência da Zona Franca de Manaus (28%), a Funasa (7%), o Ministério da Integração (5%), a Eletronorte (4%), e o Banco Interamericano de Desenvolvimento (1%). A Natex é uma fundação de direito público dotada de autonomia financeira, funcional e administrativa gerida pela Fundação de Tecnologia do Estado do Acre, segundo Ademir Batista da Seaprof apesar do caráter público “não existe ingerência política nos processos de administração da fábrica”.

A Natex utiliza 500 mil litros de látex por ano, a maior parte da produção utiliza látex nativo, o que se constitui em uma inovação tecnológica, pois em geral se utiliza látex de cultivo, que na fábrica de Xapuri pode chegar a no máximo 30% do total. A produção nativa é extraída por cerca de 700 famílias da região que foram capacitadas especialmente para fornecer matéria prima para a unidade fabril, estas famílias estão espalhadas em um raio de 150 km da fábrica. Para auxiliá-las no escoamento da produção foi criado um sistema logístico constituído por Pontos de Apoio (PA), Pontos de Recolhimento (PR), e um kit para extração do látex.

O kit para extração do látex é composto por: bica galvanizada, faca de corte, tigela, bombona de 5 e 30 litros (uma espécie de baldes com tampa feitos em um material plástico resistente), peneira (galvanizada) e saco de napa com estopa (tipo de mochila para transporte do produto dentro da floresta). A bica galvanizada, a faca de corte e a tigela são itens utilizados para extrair o látex da seringueira, com a faca o seringueiro fere a casca da árvore fazendo vários cortes pequenos de forma que o leite escorra para a mesma direção em um ponto específico do tronco da árvore, neste ponto ele coloca a bica que irá escoar o líquido para a tigela, onde ele será

3

☐ Ver Preservativos Natex, disponível em: < <http://www.preservativosnatex.com.br/#> > Acesso em 20 Agosto de 2010.

armazenado temporariamente. Este processo leva tempo, então, o que o seringueiro faz é caminhar ao longo da sua estrada de seringa executando uma espécie de circuito, ele corta uma árvore e enquanto espera até que o látex escorra segue até a próxima, quanto completar o circuito e retornar a primeira árvore cortada a tigela estará cheia. Então, ele recolhe o líquido das tigelas que deixou em cada árvore e o deposita nas bombonas menores, em geral, mais utilizadas ao longo das estradas de seringa.

Nos pontos de apoio, os seringueiros transferem o látex recolhido na estrada para as bombonas maiores, que serão enviadas para a fábrica, elas devem ser manuseadas com cuidado, pois contêm hidróxido de amônia, composto químico extremamente tóxico, como já dito anteriormente, que serve para preservar o leite por alguns dias até que ele seja enviado à fábrica. Caso seja conservado *in natura* por muito tempo depois de extraído, o látex coalha tornando-se inutilizável para a produção fabril ou artesanal. O material não é manuseado pelos seringueiros, pois é depositado nas bombonas quando estas são devolvidas da fábrica e retornam aos produtores, entretanto, o cheiro do composto químico é tão forte que na área da fábrica em que os funcionários recebem as bombonas já com a mistura (látex e amônia) são utilizadas máscaras pelos funcionários. A Seaprof informou que foram realizados treinamentos com as famílias para ensiná-las a manusear corretamente os recipientes com amônia, visando reduzir riscos.

No que diz respeito à coleta do produto, foram espalhados, após mapear a localização das famílias e suas estradas de seringa, 534 pontos de apoio ao longo da área em torno da fábrica, neles são armazenados os baldes com o látex extraído das seringueiras já misturados à amônia para conservação, em seguida os baldes são levados a um dos 15 pontos de recolhimento, onde é realizado um teste com uma amostra do produto para medir a quantidade de borracha seca presentes em cada balde, o látex extraído contém água, e o pagamento é feito sobre o kg de borracha seca presentes em cada reservatório. Em geral a proporção é de 50%, ou seja, em 2 litros de látex há aproximadamente 1 kg de borracha, este fenômeno é chamado de “quebra da borracha”. Depois de medido o percentual de borracha presente na amostra, é feito o pagamento, assim, o seringueiro recebe pelo látex no ponto de recolhimento, lá ele também retira novos reservatórios com amônia onde irá armazenar futuras produções.

Nos pontos de recolhimento existem gerentes responsáveis por controlar as unidades. Segundo Ademir, são pessoas escolhidas pela própria comunidade, que “possuem bom relacionamento com os demais”, eles controlam o processo de pesagem, compra e registro do látex vendido, procedimento registrado em quatro vias: uma para o produtor, uma para a cooperativa (modelo similar ao das pranchas de borracha), uma permanece no ponto de recolhimento, e a última é enviada para a fábrica para conferência.

Produto	Látex
Preço de Mercado	R\$ 3,40
Subsídio Federal	-
Subsídio Estadual	R\$ 1,40
Subsídio Municipal	-
Desconto	-
Valor Recebido	R\$ 4,80

Fonte: Seaprof

Cada trabalhador tem seu número de registro por onde é possível identificar maiores informações sobre sua produção, localização e dados cadastrais. O látex é vendido a R\$ 4,80 o kg, sendo que o valor de mercado do produto é de R\$ 3,40, o R\$ 1,40 restante é subsídio. Segundo Ademir a média de renda dos produtores é de dois salários mínimos.

A produção de aproximadamente 100 milhões de preservativos por ano consome em média 250.000 kg de borracha seca, e é comprada integralmente pelo Ministério da Saúde, fruto da parceria entre o governo do Acre e o governo federal. A fábrica possui certificações da Anvisa, do Inmetro, e do ISO 90001.

3.3 FDL

A terceira política pública voltada para a extração da borracha no Acre é a da Folha de Defumação Líquida (FDL), cujo principal pólo produtor se concentra dentro da Reserva Extrativista Chico Mendes no município de Assis Brasil, região sudeste do Acre.

A produção se utiliza de uma tecnologia desenvolvida no Laboratório de Tecnologia Química da Universidade de Brasília (UnB). A técnica consiste na adição de dois componentes ao látex extraído da seringueira: água, 2 litros para cada litro de látex, e componentes químicos, 10 ml por litro de látex. Esta mistura repousa em uma bandeja plástica até que se solidifique adquirindo a forma de uma manta grossa ainda úmida. Em seguida, esta manta passa por uma calandra, objeto composto por dois rolos cilíndricos pelos quais passa a manta que servem para transformar a manta em uma lâmina mais fina, o que facilita o processo de secagem, que demora de 5 a 7 dias. Diferentemente dos outros produtos advindos do látex, o FDL não precisa interromper sua produção no período da chuva, mas somente no período de descanso da árvore, pois a adição de água da chuva ao látex durante o processo de coleta do leite não afeta a produção, uma vez que a água é adicionada ao produto.

Entre as políticas públicas voltadas para a borracha analisadas neste trabalho, o FDL é aquela em que o auxílio governamental aos produtores pareceu mais intenso, ainda assim, segundo Ademir Batista da Seaprof, o objetivo é fazer da região uma referência nacional na produção de FDL. Para tal o governo fornece suporte logístico aos produtores, retirando a maior parte do produto acabado nos próprios locais de fabricação, suporte material, em Assis Brasil, foram construídos pequenos armazéns de madeira nos quais o FDL é produzido, secado e armazenado, e suporte técnico, 64 famílias foram treinadas pelos técnicos da UnB e técnicos locais para aprender a produzir o FDL.

Produto	FDL
Preço de Mercado	R\$ 7,00
Subsídio Federal	-
Subsídio Estadual	R\$ 0,70
Subsídio Municipal	R\$ 0,70
Desconto *	(R\$ 0,50)
Valor Recebido	R\$ 7,90

* Município de Assis Brasil

Fonte: Seaprof

A empresa francesa Veja, cuja fábrica no Rio Grande do Sul produz tênis e acessórios com apelo ecológico utilizando borracha amazônica e algodão produzido no Ceará, é há três anos a principal compradora do FDL produzido em Assis Brasil. A proposta da empresa é pagar um “preço justo” pela borracha produzida, o valor do kg negociado para 2010 foi de R\$7,00 por kg, a este valor são acrescidos os subsídios estadual e municipal no valor de R\$0,70 cada, totalizando R\$8,40 por kg. Vale ressaltar que são raros os casos de pagamento de subsídios municipais, esta prática em Assis Brasil demonstra a importância do produto para a região. Além disso, destes R\$8,40, R\$0,50 são destinados à Associação de Moradores e Produtores da Reserva Extrativista Chico Mendes de Assis Brasil (Amopreab) para cobrir custos operacionais e administrativos da entidade, assim o produtor recebe R\$7,90 por kg produzido.

Entretanto, diferentemente do que se observou nos casos anteriores, quando as cooperativas ou associações pareceram estar distantes dos seringueiros, a Amopreab demonstrou ser mais ativa, executando atividades importantes de auxílio aos moradores da Reserva em Assis Brasil, como: suporte aos produtores do FDL, e administração dos núcleos de base. Esses núcleos de base são uma prática de comércio interessante que beneficia significativamente os moradores da Reserva, já que a maioria dos colonos vive longe da cidade e as condições de transporte são instáveis, o acesso a produtos industrializados básicos (sal, sabão, óleo etc.) requer grandes deslocamentos. Para melhorar este quadro foram criados pequenos estabelecimentos comerciais dentro da Reserva, nos quais os produtores podem comprar produtos de sua necessidade pelos mesmos preços cobrados na cidade.

Além disso, os colonos produtores de FDL podem usar suas ordens de pagamento para comprar produtos nos núcleos de base, mas para compreender este processo é preciso explicar primeiro como funciona o processo

de pagamento dos R\$7,90 por kg aos produtores. No momento da entrega do produto, os produtores não recebem este valor integralmente, mas R\$4,50/kg, o restante (R\$3,40/kg) é pago posteriormente, após conferência do produto na fábrica, e deve ser retirado na cidade. Assim, ao entregar seu produto o produtor recebe parte do valor à vista e uma ordem de pagamento para o valor a receber. Esta ordem de pagamento serve como crédito nos núcleos de base e pode ser utilizada para compras nos mesmos.

A Amopreab já existia na Resex Chico Mendes antes da chegada do FDL, assim, acredita-se que seu papel ativo dentro da comunidade tenha maior relação com a organização prévia da comunidade do que com o estímulo governamental para que os produtores se organizem em associações ou cooperativas. Nos casos estudados ao longo deste trabalho, não se constatou nenhum caso de organização comunitária a partir da implantação de projetos produtivos, sejam eles do governo ou do Poloprobio. Dois cenários distintos foram observados nas localidades visitadas: aqueles sem organização coletiva efetivamente representativa, nos quais o seringueiro é associado, mas tem fraca ligação com a instituição; e outros cuja organização precede a instalação de planos produtivos, nestes, percebeu-se justamente o contrário, que uma vez organizada, a comunidade possuía força para demandar projetos que beneficiassem sua região, os quais tinham maior probabilidade de sucesso e continuidade, já que seriam implantados em estruturas previamente organizadas.

Na Reserva Extrativista Chico Mendes, tivemos a oportunidade de conhecer um seringueiro/artesão diferenciado, que se intitula “Dotor da Borracha”. A partir da estrutura montada para política pública de produção do FDL, o “Dotor”, como é chamado na comunidade, que já tinha experiência com a produção de botas por meio da defumação, método tradicional de trabalho com a borracha, passou a produzir sandálias utilizando os mesmos componentes e uma técnica similar àquela aplicada na produção da Folha Defumada. A partir daí, o que se viu foi uma evolução constante, o próprio artesão relata como foi instigado, ao longo das feiras em que participou, a produzir novos produtos: “Luana (cliente de uma feira) me perguntou: Você não faz sapatos com este material? Eu digo: não! E pensei: rapaz vou fazer! Em outra feira, Thaís (outra cliente) me perguntou: você não faz bolsas? Eu digo, não! E pensei: rapaz vou fazer!”.

Hoje, pesquisadores da UnB já trabalham para fornecer ao “Dotor” componentes químicos, aqueles que são misturados ao látex e a água, específico para produtos que serão utilizados cotidianamente. Ademais, o “Dotor” já não depende somente das feiras para comercializar seus produtos, que já despertaram interesse de lojas do Rio de Janeiro e de Brasília, para aumentar a produção o artesão ensinou sua técnica a outras 4 famílias da comunidade, das quais compra os sapatos por R\$20,00, e os vende a R\$35,00, podendo chegar até R\$60,00 dependendo da ocasião.

O diferencial dos produtos fabricados pelo “Dotor” reside justamente no interesse demonstrado pelos consumidores, pois as sandálias, sapatos e bolsas fabricadas pelo artesão são adquiridos não somente pelo apelo ecológico que possuem, uma vez que contribuem para manter a floresta em pé gerando renda aos produtores locais, mas também por que despertam a curiosidade dos compradores dado seu caráter inovador, conforto e utilidade. Em geral, percebeu-se que os artesanatos produzidos a partir da borracha tinham maior apelo ecológico que comercial o que pode dificultar a criação de um mercado estável e perene.

4. Conclusão

Ao longo da pesquisa foi possível observar que tanto o projeto do Poloprobio quanto as políticas governamentais têm impactos positivos nas regiões onde são executados, ambos oferecerem alternativas de complementação de renda aos seus beneficiários, promovendo a melhoria da qualidade de vida e bem estar na região.

Ao compará-los percebemos que estas atividades podem coexistir, pois não acreditamos que sejam concorrentes entre si, ao menos no estágio em que se encontram atualmente. O projeto do Poloprobio foca sua atuação em produtos acabados com maior valor agregado e com potencial de gerar mais renda às comunidades, por outro lado necessita de maior acompanhamento técnico, e precisa superar as dificuldades ligadas à comercialização dos produtos. Já os programas governamentais adicionam menos valor aos produtos vendidos pelos seringueiros, no entanto, exigem poucas habilidades específicas destes trabalhadores, e excetuando o FDL, demandam menos conhecimento técnico.

No que diz respeito ao financiamento das atividades também não há concorrência direta entre as atividades, observou-se que apesar de provirem de órgãos diferentes, ambos executam suas atividades por meio de recursos públicos, o Poloprobio possui diversos parceiros institucionais, entretanto, a maior parte dos seus recursos e apoios provêm de órgão da administração pública indireta, Petrobrás, CNPq, Finep, UFAC, BB etc. Enquanto que as políticas governamentais para a borracha são custeadas pelo Estado do Acre.

Na reserva do Cazumbá, por exemplo, observamos que havia produtores que vendiam látex para a produção do encauchados ao mesmo tempo em que juntavam borracha para vendê-la às cooperativas em formas de prancha. Além disso, observou-se uma distinção de gênero entre as duas atividades, pois nas unidades produtivas de seringueiros a grande maioria das produtoras era do sexo feminino, enquanto que nas atividades governamentais predominou o sexo masculino.

Exemplo da contribuição positiva das atividades do Polo junto às mulheres pode ser observado também em Santa Quitéria, município de Assis Brasil. Onde, Neide, uma líder comunitária de um grupo de mulheres da região, demonstrou satisfação com o projeto, pois agora ela ajuda na obtenção de renda para a família, com isso, além da independência advinda da posse do próprio dinheiro, abrem-se novos horizontes como a busca por melhor instrução e escolaridade. Desejo de “um futuro mais promissor” para os filhos com estudo, emprego, faculdade e maior participação social no âmbito local. Ela diz: “agora já comprei uma moto para ir estudar administração na cidade [...] e podemos pagar os custos dos estudos do meu filho que estuda na UFAC em Rio Branco” diz ela orgulhosamente.

Contudo, um aspecto chamou nossa atenção em relação à concorrência entre os projetos, apesar de não competirem entre si, e de trabalharem com a mesma matéria prima, o látex, não se observou em nenhum momento, qualquer cooperação entre as atividades, nem tão pouco se observou qualquer tipo de observação positiva por parte do governo em relação ao projeto dos encauchados, enquanto que se ouviu muitas críticas por parte destes em relação aos projetos do governo. A impressão é de que as disputas em torno do tema transcendem sua finalidade, e tem raízes históricas.

Uma característica importante destes projetos é que ambos procuram, cada um a sua maneira, organizar as comunidades para agirem de forma coletiva, seja na produção ou comercialização de produtos, no entanto, esta capacidade se mostrou questionável, pois o que se observou é que nos casos em que as comunidades efetivamente encontravam-se organizadas, sua estruturação se dera antes da chegada dos projetos, o que nos fez indagar sobre a real capacidade de organizar comunidades por meio destas atividades produtivas. Vale frisar ainda que esta estruturação não tem como objetivo somente a produção, mas especialmente a associação das pessoas dentro das comunidades para ações de interesse coletivo.

Houve momentos em que se questionou porque, mesmo sendo necessário acrescentar subsídios aos preços pagos aos seringueiros, ou mesmo sendo necessários diversos acompanhamentos técnicos e auxílio na comercialização aos produtores, se insistia no estímulo à produção de materiais a partir da borracha? Muitas foram às respostas: questões históricas, importação de borracha pelo país, existência de inúmeras seringas nativas etc. mas só após conversar com os seringueiros e sentir a representatividade da borracha em suas vidas é que foi possível perceber o porque da borracha.

Há ainda grande espaço para crescimento destes projetos seja na sua melhoria ou no alcance de mais famílias e comunidades, ambos têm planos de expansão. Quando políticas governamentais ou empreendimentos com fins sociais como estes surgem, é fácil observar os benefícios gerados à população da floresta, por um lado novas alternativas se apresentam, por outro fica claro que a superação dos nossos problemas socioeconômicos ainda depende de muito mais.

5. Referências Bibliográficas

ACRE. Governo do Estado do Acre. Programa Estadual de Zoneamento Ecológico-Econômico do Estado do Acre. Zoneamento Ecológico-Econômico do Acre Fase II: documento Síntese Rio Branco: SEMA, 2006.

OLIVEIRA, F. Aproximações ao Enigma: que quer dizer desenvolvimento local? In; Novos contornos da gestão local: conceitos em construção / Silvio Caccia-Bava, Veronika Paulics, Peter Spink - organizadores. São Paulo, Pólis; Programa Gestão Pública e Cidadania/EAESP/FGV, 2002. 336p.

SAMONEK, Francisco. *A borracha vegetal extrativa na Amazônia: um estudo de caso dos novos encauchados de vegetais no Estado do Acre*. 2006. Dissertação (Mestrado em Ecologia e Manejo dos Recursos Naturais) – Departamento de Ciências da Natureza, Universidade Federal do Acre, Rio Branco-Acre.

SEN. A. O desenvolvimento como expansão das capacidades. Lua Nova. São Paulo: CEDEC, n.28/29, 1993. p.313-333

SPINK, P. O pesquisador conversador no cotidiano. Psicologia e Sociedade, v.20, Edição Especial, 2008. p. 70-77